

BEM ESTAR

ZIKA VÍRUS

Dados sugerem queda de nascimentos no Brasil no 2º semestre de 2016; zika pode ter tido impacto

Números de nascidos vivos são preliminares e ainda podem ser atualizados nos próximos meses. Pesquisa indica que epidemia de zika impactou planos de gravidez.

Por Mariana Lenharo, G1

17/06/2017 09h10 · Atualizado há 2 anos



Mãe cuida de filho com microcefalia em Pernambuco — Foto: Marlon Costa/Pernambuco Press

No segundo semestre de 2016, a médica Sandra Valongueiro, pesquisadora da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), começou a ouvir relatos sobre uma diminuição do número de mulheres nas maternidades do Recife. Como o estado foi um dos epicentros da emergência de zika a partir de novembro de 2015, a observação

chamou a atenção da especialista, que também faz parte do Grupo de Pesquisa da Epidemia da Microcefalia (Merg, na sigla em inglês).

Ao mesmo tempo, a pesquisadora Leticia Marteleto, professora do Centro de Estudos de População da Universidade do Texas em Austin, nos Estados Unidos, passou a estudar os possíveis impactos da zika no comportamento reprodutivo. Entrevistas que ela e sua equipe fizeram com grupos de mulheres do Recife e de Belo Horizonte revelaram de maneira clara o medo de engravidar no contexto da epidemia, afinal grávidas infectadas por zika têm risco aumentado de terem bebês com microcefalia. As duas pesquisadoras se uniram para investigar se os números de nascimentos refletiam esses relatos.

A questão também despertou o interesse do médico Fredi Alexander Diaz Quijano, professor do Departamento de Epidemiologia da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo (USP), que iniciou uma busca por informações atualizadas sobre nascimentos no Brasil em 2016.

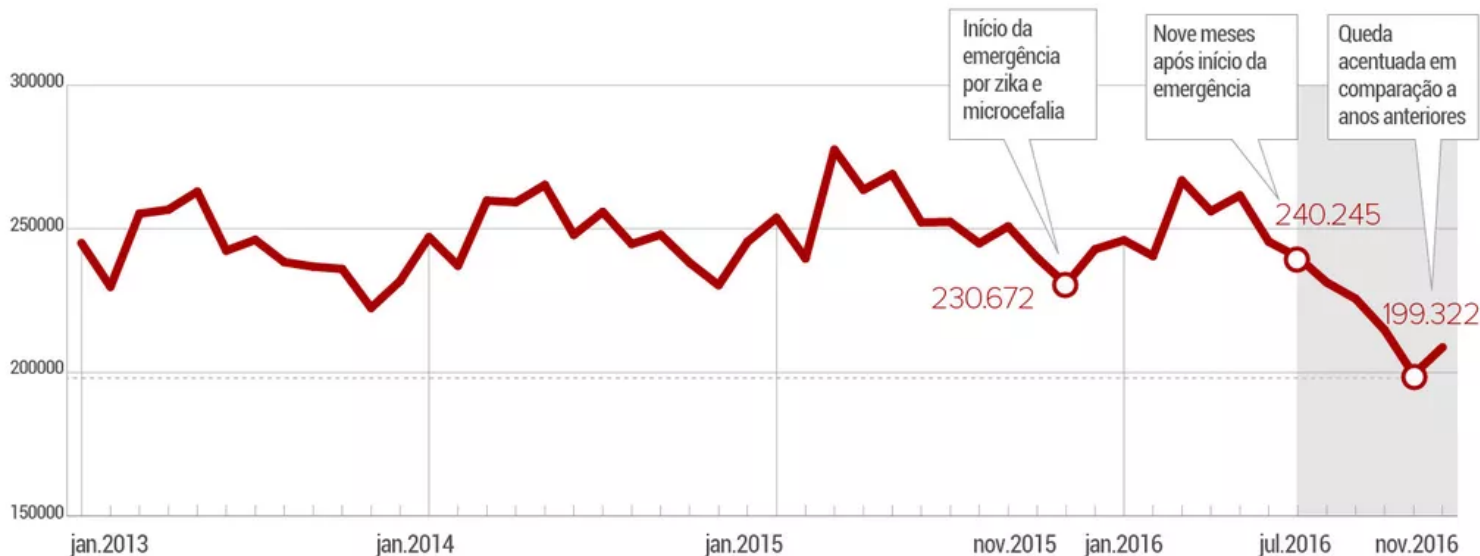
Atualmente, dados ainda preliminares obtidos pelo **G1** sugerem uma redução do número de nascidos vivos a partir do segundo semestre de 2016 em todo o país, em comparação com os anos anteriores, precisamente nove meses depois do início da emergência por zika e microcefalia no país.

O **G1** solicitou os dados de nascidos vivos por mês, de 2013 a 2016, ao Ministério da Saúde e às secretarias de saúde em todo o país. Recebemos do ministério os dados nacionais de nascimentos e, das secretarias, os números específicos referentes a 10 estados. As informações estão representadas no infográfico. Além disso, também foram obtidos dados de nascimentos referentes a 11 capitais.

Nascimentos antes e depois da zika

Dados preliminares sugerem queda de nascimentos no segundo semestre de 2016; zika é um dos fatores que podem explicar tendência

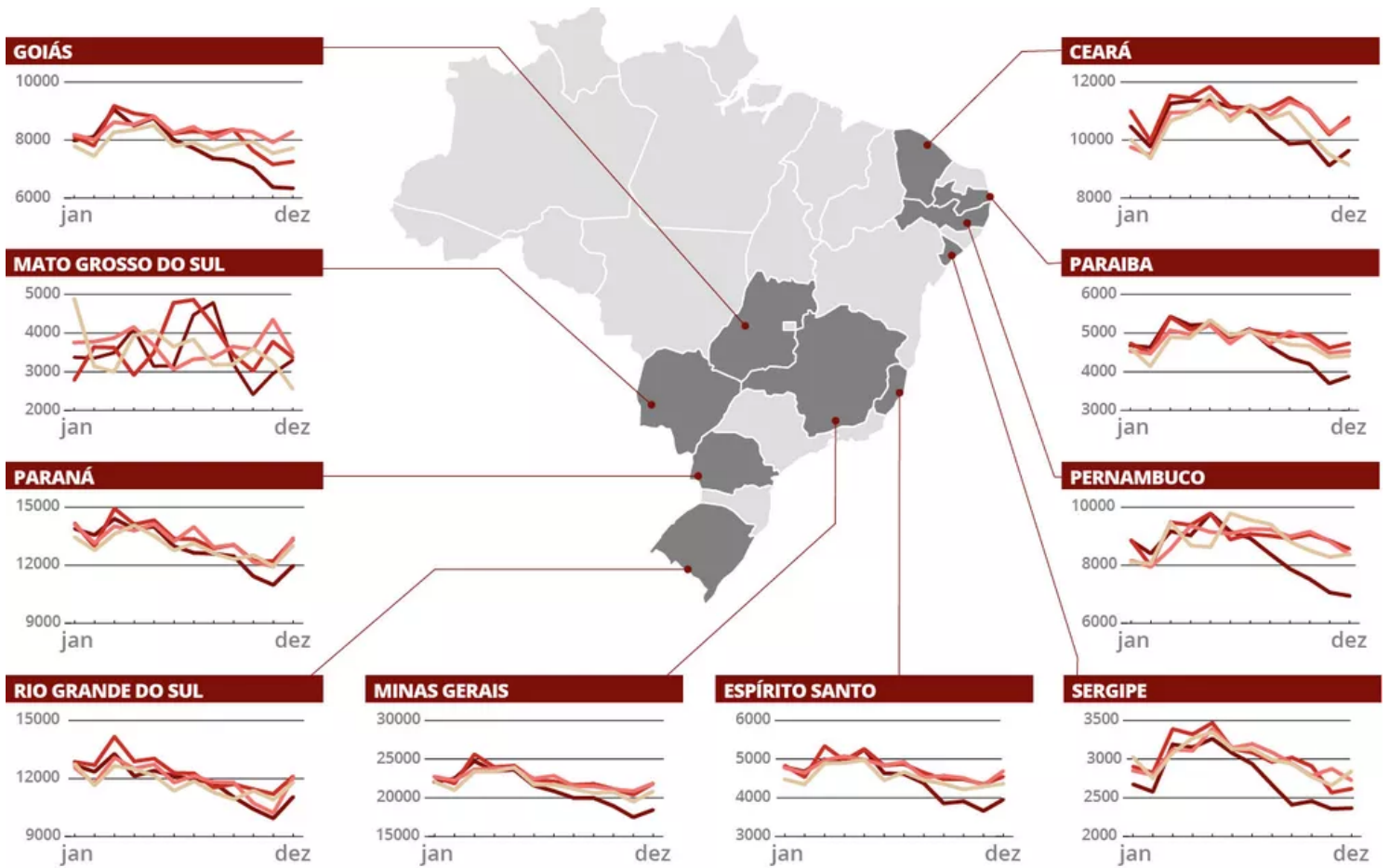
NASCIDOS VIVOS NO BRASIL



Fonte: Ministério da Saúde

NASCIDOS VIVOS NOS ESTADOS

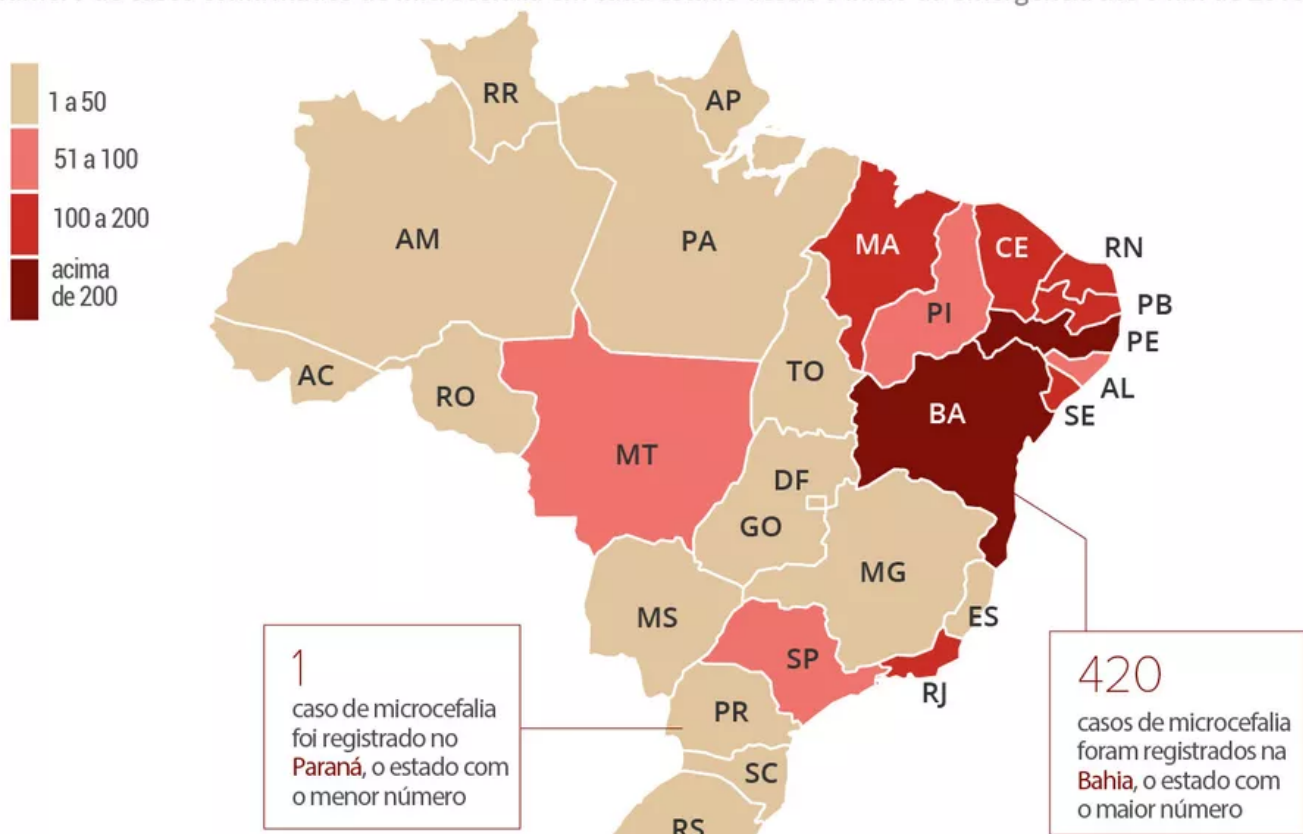
— 2013 — 2014 — 2015 — 2016 — Dados não disponíveis



Fonte: Secretarias Estaduais de Saúde

MICROCEFALIA NO BRASIL

Número de casos confirmados de microcefalia em cada estado desde o início da emergência até o fim de 2016



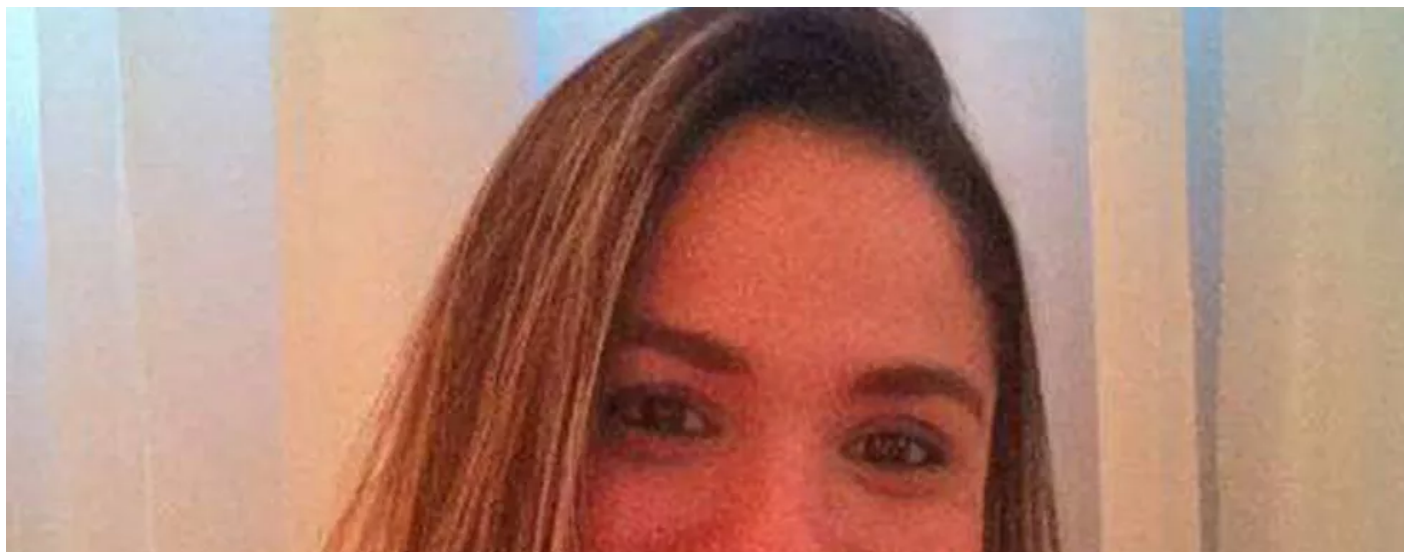
Em um estudo publicado em 5 de junho pela revista "Population and Development Review", as pesquisadoras Letícia, Sandra e o restante de sua equipe relatam a percepção de mulheres sobre como a epidemia de zika impactou seus planos de engravidar. Em grupos de discussão organizados no Recife e em Belo Horizonte, essas mulheres contaram que viam a zika como uma tragédia que poderia acontecer com qualquer uma e que, por isso, preferiam evitar a gravidez ou pelo menos adiar os planos até que a situação melhorasse.

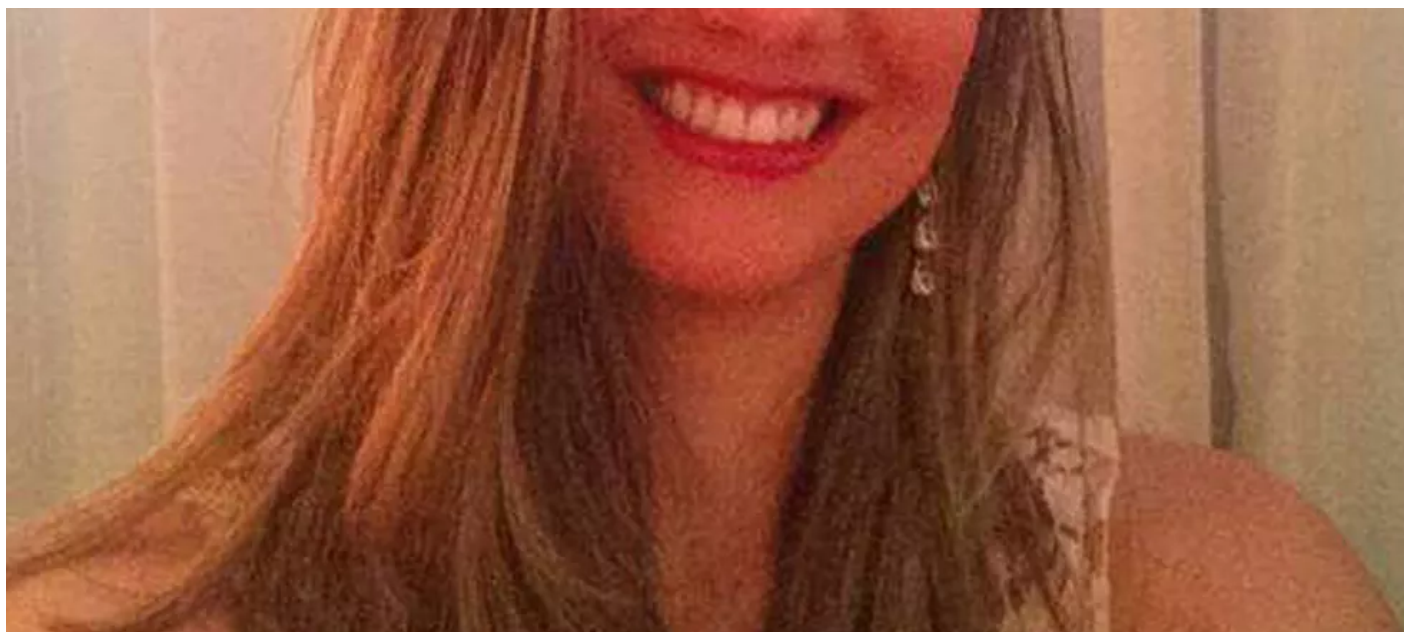
“Elas diziam claramente que não queriam ter filho, mais fortemente em Recife do que em Belo Horizonte. Mencionavam, por exemplo, que tinham visto no ônibus uma criança que parecia ter microcefalia. A proximidade da doença fazia com que esse pânico e esse desejo de evitar a gravidez fosse muito mais forte no Recife”, diz Letícia.

O medo, segundo a pesquisadora, apareceu em todas as classes sociais. As mulheres de classes mais altas, porém, demonstraram ter mais acesso a informações confiáveis sobre o problema.

Mesmo em áreas que não foram afetadas de maneira tão intensa pela microcefalia, como São Paulo, o medo esteve presente. “O grande medo da microcefalia assustou bastante as mulheres e coube aos médicos explicarem que, na região Sudeste, esse não era um problema tão comum e que existiam formas de prevenir, como o uso de repelente”, diz a médica Zsuzsanna Ilona Katalin de Jármy Di Bella, professora do Departamento de Ginecologia da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) e Coordenadora do Ambulatório de Planejamento Familiar da instituição.

CONTINUA DEPOIS DA PUBLICIDADE





Luciana de Souza Alonso Carvalho, de 35 anos, decidiu adiar os planos de engravidar em 2016 por causa da situação da zika e microcefalia no país — Foto: Arquivo pessoal/Luciana Carvalho

Luciana de Souza Alonso Carvalho, de 35 anos, tinha planos de engravidar e até começou um tratamento de fertilidade no início do ano passado, mas logo começaram a chegar as notícias da epidemia do zika. “Apesar de morar aqui em São Paulo, tenho familiares em outros lugares e viajava bastante para visitar”.

Ela resolveu adiar os planos. “Foi uma decisão bem triste. Agora é partir pra próxima e tentar novamente. Fiz isso justamente para não ficar ansiosa, o que já sou por natureza, e isso seria só um agravante. E também por segurança.” Com a queda dos casos no início de 2017, resolveu retomar as tentativas.

Maior demanda por aborto?

Para a pesquisadora Greice Maria de Souza Menezes, médica epidemiologista do Instituto de Saúde Coletiva da Universidade Federal da Bahia (UFBA), é preciso levar em conta o quanto a emergência de zika também pode ter impactado nas demandas por aborto. Como a prática é ilegal no Brasil, com exceção de algumas situações específicas, é difícil medir esse possível efeito.

Mas um estudo publicado na revista “The New England Journal of Medicine” em julho de 2016 aponta para um aumento da demanda por medicações abortivas por meio da ONG Women on Web em países da América Latina afetados pela zika. No Brasil, o aumento foi de 108% a partir do anúncio da emergência.

CONTINUA DEPOIS DA PUBLICIDADE



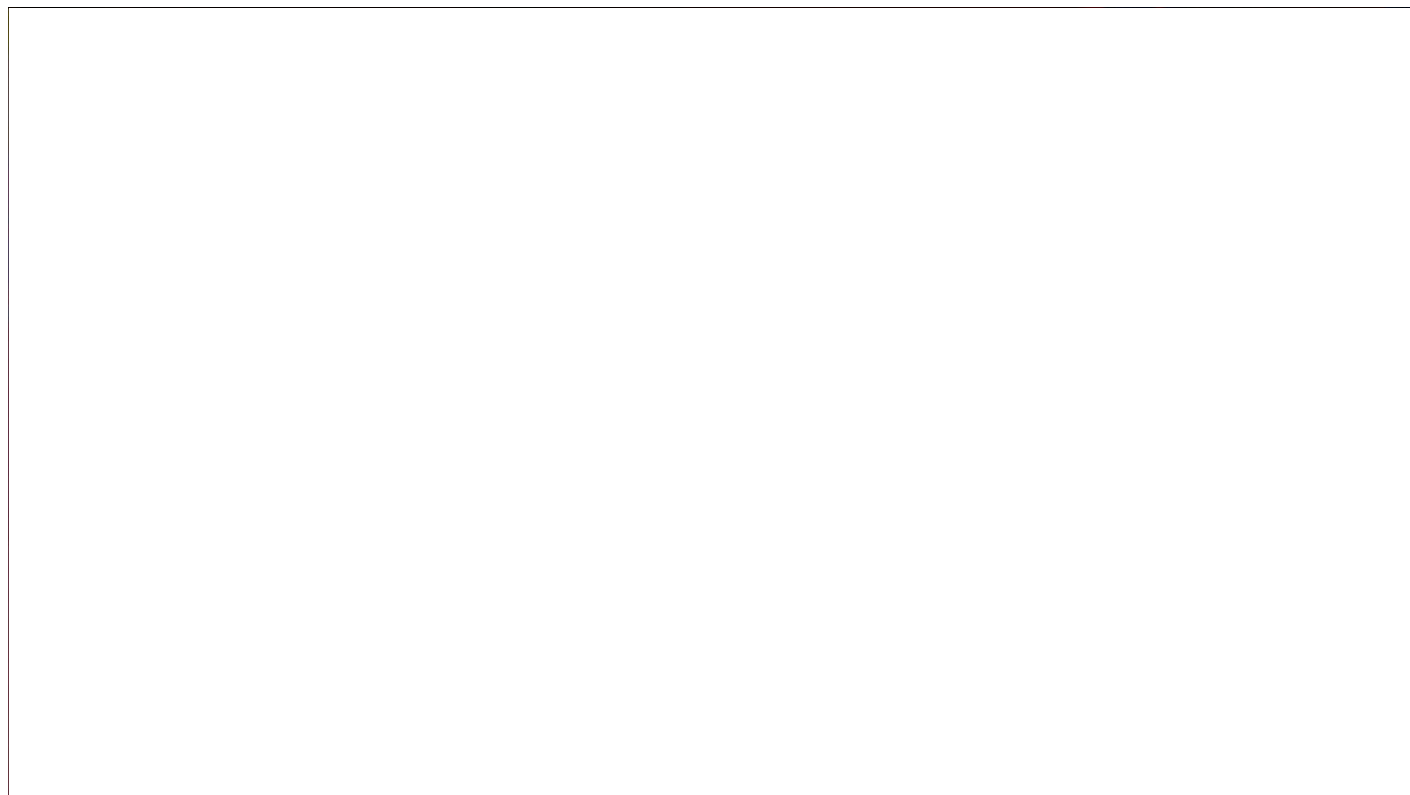
Fonte: Ministério da Saúde

Obs.: Dados de nascidos vivos de 2015 e 2016 são preliminares e ainda podem ser atualizados nos próximos meses



Infográfico elaborado em: 09/06/2017

— Foto: Arte/G1



Medo da microcefalia fez muitos casais adiarem planos de ter filhos

CONTINUA DEPOIS DA PUBLICIDADE

Há algumas limitações em relação a esses números. O registro de nascidos vivos não é imediato: existe um período de latência entre o nascimento ocorrer, ser registrado pelos municípios e essa informação ser inserida no sistema nacional. Portanto, nascimentos ocorridos em 2016 podem ainda não constar no sistema, especialmente aqueles ocorridos no segundo semestre.

Queda significativa

Se os dados consolidados de nascimentos no Brasil de 2016 se mantiverem estáveis mesmo após a contabilização de registros tardios, eles revelarão uma queda estatisticamente significativa a partir do segundo semestre, segundo Fredi Quijano. Ele lembra que essa redução pode ter outros fatores envolvidos, como a crise econômica e a instabilidade política, que podem fazer com que as famílias se sintam mais inseguras para ter filhos.

Por outro lado, o fato de estados especialmente afetados por ocorrências de zika e microcefalia terem tido uma queda maior torna plausível a hipótese de que o zika teve um papel importante. “A gente ainda tem que conferir a qualidade dos dados e não se pode descartar outras explicações, mas, se for essa a razão, é um achado bem interessante que fala do impacto que pode ter sobre a comunidade uma situação de pânico e de alarme associado a um evento epidemiológico como a epidemia por zika”, diz Quijano.

“Tanto a crise econômica quanto a crise política podem entrar como fatores associados. Por outro lado, tem o fator da zika, não se pode tirar o papel da zika”, avalia diz Leticia Marteleto.

Em nota, o Ministério da Saúde esclareceu que “não é possível, neste momento, estabelecer relação entre o número de nascidos vivos e a microcefalia” devido ao caráter preliminar dos dados.

Apesar disso, em um estado como Pernambuco, onde o efeito aparece de forma bastante clara, dificilmente registros tardios poderiam reverter a tendência. Segundo Sandra Valongueiro, o estado registrou cerca de 15 mil nascimentos a menos entre agosto e dezembro de 2016 em comparação com os anos anteriores. “A gente acha que essa queda está posta, pelo menos nesses meses. Só não sabemos se isso vai continuar nos meses seguintes ou se vai ser algo temporário”, diz Marteleto.

CONTINUA DEPOIS DA PUBLICIDADE

Pernambuco foi o primeiro estado onde o aumento dos casos chamou a atenção das autoridades de saúde. “É preciso lembrar que aqui a gente respirava zika. Nos serviços de saúde, era uma coisa muito forte, sempre havia mulheres com bebês com microcefalia. A gente estava vivendo de fato a epidemia”, observa Sandra.

Medo de engravidar